

Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

1 de Agosto de 1998 • Ano LV - N.º 1419
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

A lição dos simples

TERMINADA a refeição dos doentes, desço a avenida de tílias altas e esguias. Estas formam um túnel de verdura folhosa a que se sucede outro mais comprido e profundo, igualmente denso de ramagem — o da ramada larga e extensa que conduz à Casa dos rapazes.

Mal entro na copa da ramada, algo me arranha por detrás. Paro e volto-me. A meus pés, um gatito pequeno senta-se nas partes traseiras e olha-me meigamente com ares de súplica e compaixão. Não parece assustado. Pelo contrário. Saúdo-o e continuo o meu caminho.

O bicho levanta-se e teimosamente vem comigo, roçando-me com a cauda, agradecido e contente.

No largo fronteiro à Casa, os rapazes espreitam curiosos. Sorriem e exclamam:

— Olha um gatinho! Onde o encontrou?

— Vai para a casa das rações do gado — atalha um.

— Não, vai para a despensa — contrapõe outro, pensando nos roedores que ali circulam, por vezes.

Pego no gatito com delicadeza e entrego-o ao Paulo para que lhe dê destino útil.

É costume dos nossos vizinhos introduzirem animais destes na nossa quinta para que os acolhamos. São seres rejeitados.

Ora, se fossem só seres destes que a sociedade abandonasse!

Estes rapazes, também, e eles são mal queridos dos seus e considerados como nada valendo.

Hoje, irreflectidamente, rejeita-se tudo aquilo que parece nada valer. No entanto, estamos em época de contentores, de papeleiras, de vidrões, de ecocentros para tudo reciclar. Nada do que é material é para deitar fora. Contudo, não se procede de igual modo com os seres humanos aparentemente inúteis e desprezíveis.

Estes rapazes possuem capacidades, aptidões e prontidão generosa para realizar coisas muito boas. A vida deles é testemunho indelével. Eles próprios querem ser úteis quando são bem acolhidos.

Por isso, não compreendemos que um gatito rejeitado, mas aceite por eles, não possa também ser útil. Para eles o



O «Carocha»

gatito tem de fazer alguma coisa nem que seja simplesmente caçar roedores com a sua nata habilidade.

Sem o saberem, estes rapazes dão uma lição — ninguém é inútil no mundo. Eles não compreendem que alguém não faça nada, que alguém não preste para nada. A cada um é pedido que dê a sua parte de colaboração. E todos podem dá-la.

A discussão continua alterosa no largo.

— Vai para a despensa!

— Não, vai para o celeiro!

Inútil é que o animal não vai ficar entre nós. Tenho a certeza.

Hoje em dia, que tantos procuram fugir ao trabalho, ao render de capacidades, ao ser efectivamente prestável aos outros, aqui está a linear lição dos mais simples.

Padre Baptista

SETÚBAL

Apontamento das Festas

A azáfama das nossas Festas terminou, este ano, e nós damos graças a Deus por termos sido capazes ainda de as realizar, estimulados pelo brio e ajuda dos rapazes. Elas continuam a ser também uma forma apostólica de pregar o amor de Deus vivo e actuante sem qualquer disfarce.

Cabanas, Pinhal Novo, Moita, Barreiro e Leiria foram os lugares onde não marcámos presença, por motivos de vária ordem, mas queremos pedir desculpa aos amigos destas localidades que se sentiram defraudados pela nossa falta. O testemunho sobrenatural e incentivo ao Bem que elas são, evidenciam-se naquele desabafo feliz, em abraço afectuoso e comunicativo: — *A procissão do Corpo de Deus e a vossa Festa continuam a ser o melhor empurrão espiritual da minha vida.*

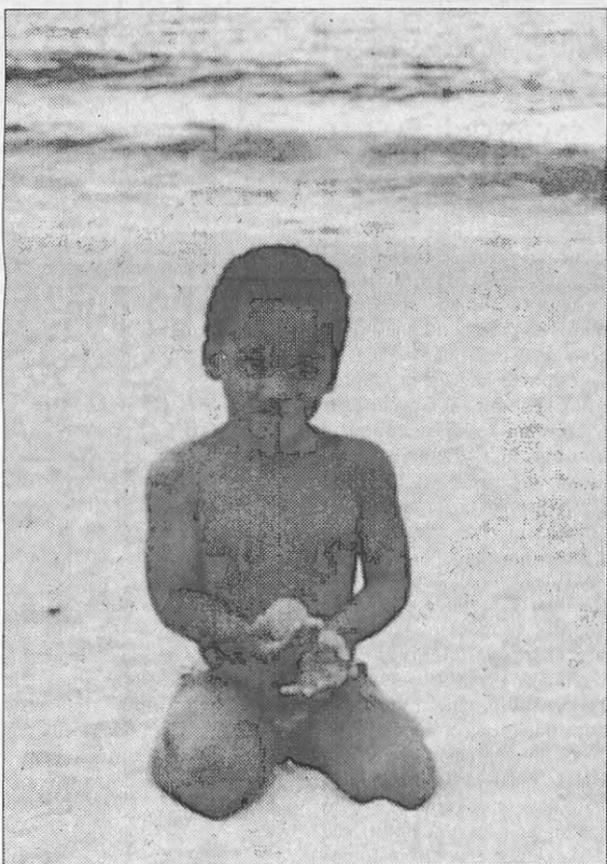
Em cada terra, há sempre um grupo que se sente chamado a colaborar na Festa.

É a venda de bilhetes, a comunicação da notícia, o acolhimento àquela dúzia de rapazes que vão o dia todo montar cenários, luz e som e a confecção da ceia. Também este grupo anónimo, a que com carinho costumo chamar «os mordomos», constitui um elemento essencial do nosso espectáculo. Ele é praticamente o andaime escondido onde nos montamos. Mesmo depois da nossa retirada lá ficam eles a limpar, a arrumar e a agradecer para que tudo fique bem. Animam-se nalguns lugares para que os valores monetários cresçam, com peditórios, rifas e outras iniciativas próprias, conforme a criatividade de cada um. Assim, no Montijo, para além dos bilhetes e das capas, entregaram mais 324.500\$00.

Escolas

O ano escolar terminou com muitas vitórias e alguns desaires. Os rapazes do 5.º e 6.º anos frequenta-

Continua na página 3



Wilson na sua candura de cinco anitos cheios de ternura

É verdade! Não fui nem quero ir à EXPO'98, já se vê. É fantástico, sem dúvida. Tenho ouvido falar, lido e visto na T.V. Os nossos rapazes também já lá foram. Trata-se de uma obra que é orgulho desta Nação, dizem. Acredito! Orgulho e vaidade caminham juntos!

Não sei o que sinto cá dentro que me diz para não ir. Decerto gostaria. Os sentidos ficariam cheinhos. Mas a alma? Decerto sangraria, ou pelo menos ficaria em trevas.

Tanta riqueza, tanto luxo, tanta volúpia, tanto do século XXI! Decerto me encheria de importância de mim mesmo e dos meus semelhantes e compatriotas pela sua bela obra. Mas rapidamente sentiria como é vazio de sentido este progresso. À noite, os meus olhos encontrar-se-iam de novo com a fome e a violência na Guiné e no Sudão e...

Como somos miséria! Como somos mentira! Por cá já estamos fartos de tudo o que enche a barriga e todos os sentidos. E lá como tem valor um pãozinho, um comprimido para debelar a malária, um copo de água fresca...

Também lá habita a mentira. Com letra maiúscula. Habita a imoralidade e tanta fraqueza mesmo nos discípulos de Cristo. Mas quem conhece o Mestre?

Todo o homem gosta do seu cantinho. Os emigrantes jamais esquecem a

A paz é fruto da Justiça

sua terra natal. Porque é que os africanos ainda não são senhores da sua terra? Como na parábola apresentada a David pelo profeta Natan, ainda há quem insista em comer a pequenina ovelha do pobre, deixando engordar as que tem em casa.

Foi-me doloroso conhecer alguma coisa da pobreza dos angolanos. Decerto que mais me doeria conhecer a riqueza dos europeus e, abrindo os olhos, visse o meu engano. A primeira, autêntica como real. A segunda, falsa porque virtual: — *Os peixinhos passavam ali juntinho à nossa cara!*...

Poderiam ter trazido um desnutrido, ou um tuberculoso, ou um louco, em vez de terem arrancado as palmeiras e tantos outros seres do seu habitat! Certamente que, depois de Deus, a realidade mais fundamental, o homem, teria o tratamento que merece!

Mas como importa mais a mentira, falsa e vaidosa, ao real, verdadeiro e autêntico, tudo investimos naquilo que nos faz esquecer o que de facto somos — pó.

Se fosse à EXPO, também esqueceria o que sou, ainda que por momentos. Como não quero ir, evito alguns sofrimentos e a terra continua a girar...

— *Senhor Padre, vai dar de comer aos Pobres!*, dizia, um destes dias, o Wilson na sua candura de cinco anitos cheios de ternura. Eu medito em Pai Américo vivendo o seu sacerdócio a dar de comer aos Pobres e a abrir os olhos aos cegos, muitos deles ricos. Muitos ficaram a ver. Os outros ficaram saciados e receberam a confirmação da Boa-Nova. Fez-se Justiça — o oposto à falsidade.

A paz é fruto da Justiça. Para quando queremos o Justo para que a paz possa ser fruto saboreado por todos? Os de lá como os de cá? Batamos no peito como David e sintamos a alegria com o salmista porque «o Justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano...».

Padre Júlio

PASSO A PASSO

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MÃE AFLITA — No entender de um sociólogo, o nosso País ainda tem cerca de dois milhões de cidadãos sofrendo necessidade de pão, de habitação, etc. E quantos seriam eles, há dez, trinta anos ou mais? Pergunta que, às vezes, se põe aos nossos botões.

Hoje, saudamos a descida registada na mortalidade infantil, dez vezes mais baixa do que em 1965; e já perto da média europeia — que é 5,5 por mil. Em descida há trinta anos, é agora de 6,4 por mil nados vivos; sendo necessário continuar a cuidar-se da prevenção e saúde dos mais pequeninos — os homens de amanhã.

Isto vem a propósito da mãe aflita que nos abordou, recentemente, sem possibilidades de comprar o precioso leite para a filha.

«Ela é doente e não pode passar sem o leiteinho. O meu home ganha muito pouquinho...»

Vale a pena recordar como estes quadros, da vida dos Pobres, atormentaram sempre a alma e o coração de Pai Américo; tendo deixado escritas notas oportunas sobre esta carência alimentar; comentando, no seu estilo peculiar, em como o leite é um alimento fundamental para a vida e saúde das crianças.

PARTILHA — Cinco mil, da assinante 5805, do Porto, «para ajudar um pouquinho as muitas necessidades dos Pobres. Deus vos dê sempre muita força para atender e resolver as carências dos mais necessitados». Que bem!

O dobro, da assinante 31254, de Fiães (Feira), «para um idoso, oferta por alma de meus pais». No topo da carta, um provérbio hindu: «O perfume das flores não se sente contra o vento. O perfume das virtudes, esse, sim, nota-se mesmo contra o vento».

Outra vez Porto, com cheque da assinante 60788, «pequeno contributo de férias para atender as necessidades dos Pobres. Saudações fraternas», que retribuimos com amizade.

O habitual óbolo do assinante 42971, de Ovar, destinado «aos Pobres mais envergonhados (que os há!), da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. E não precisam de agradecer». Cumprimos.

Casal-assinante 5059, da Capital do Norte, com remanescente de contas da Editorial, destinado aos Pobres. retribuimos o «grande abraço».

Perosinho (V. N. Gaia): «Pequenina ajuda, em cheque, com uma intenção particular», do assinante 9790. Tornámos a cumprir.

Setúbal: «Modesta lembrança (5.000\$00) referente ao mês de Julho, em curso. Gostaria de mandar maior quantia para

acudir a tantas necessidades» — acentua, «com todo o carinho, a 'Avó dos cinco netinhos».

Sardoal: mais 2.500\$00 da assinante 12595, «porque os 'buracos' são muitos». Dez mil, da assinante 59023, do Porto. «Partilha de Abril/Maio, da assinante 5963, (uma assinante de Paço de Arcos), com as habituais saudações fraternas e muita amizade» — que retribuimos na mesma proporção.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

16 DE JULHO — Festejámos o nascimento para o Céu de Pai Américo na igreja paroquial de Galegos, sua terra natal, onde os nossos Padres celebraram Missa para a comunidade. Seguidamente fomos para o Mózinho — zona histórica — onde almoçámos e passámos uma tarde agradável. Um dia inesquecível!

ANTIGOS GAIATOS — O 19 de Julho, domingo, foi um dia reservado aos rapazes que já aqui estiveram e se fizeram homens. A Missa foi celebrada às 12 h., entre o hospital e a casa 3 e contou com a presença de muita gente. Almoçámos em frente ao bar e arredores e o dia foi bem passado com os actuais e os antigos gaiatos.

BATATA — Já entrou em vigor, uma vez mais, a tradicional apanha da batata. Temos uma razoável colheita. É divertido e cansativo, mas vale a pena.

MÚSICA — Está a terminar o primeiro ano em que o «Almeidinha», o «Quintino» e o Zé António estudam órgão no Porto. Tudo isto para que, um dia mais tarde, um deles possa tocar na Missa. Esperamos que consigam.

«Almeidinha»

MIRANDA DO CORVO

EXPO'98 — Em 10 de Julho os rapazes da Escola Primária foram à EXPO'98 com grande alegria, cheios de entusiasmo e voltaram com novos conhecimentos.

A Câmara Municipal de Miranda do Corvo pôs à nossa disposição um belo autocarro.

CAMPO — O milho tinha muita erva, mas, agora, está mais bonito.

A batata está mal, devido ao mau tempo... Acabámos por semear milho.

Alguns rapazes e o tractor grande andaram a ceifar a erva para se obter palha. Os dias têm sido duros, principalmente para os que andaram a juntar a palha ao sol e, depois, na máquina de enfardar.

A horta está bonita porque andam sempre a cuidar dela.

REGAS — Os dias têm sido muito quentes e, por isso, regamos as plantas para que elas não sequem.

PRAIA — Os rapazes do primeiro turno partiram, há cerca de quinze dias, muito contentes porque estarão de férias em Mira. E como as férias não são o ano inteiro, os do segundo turno já se preparam para seguirem.

PISCINA — Depois de um dia de trabalho, os rapazes não querem outra coisa a não ser a

piscina. Há muito calor e só apetece lá estar.

Geralmente, quem não sabe nadar bebe muitos «pirolitos».

CASAMENTO E BAPTISMO — Depois do casamento dum dos mais velhos e do baptizado de alguns rapazes, chegou a hora de casar uma filha dum antigo gaiato, a Maria João, em nossa capela, com o Norberto, a 12 de Julho. Uma grande festa!

No dia 13, também em nossa capela, houve o baptizado do neto dum antigo gaiato.

Tem sido um ano cheio de festas!

Domingos («Zaire»)

TOJAL

COLHEITAS — Já colhe-mos a batata e o feno. Graças a Deus, temos um celeiro cheio de batata nova, para nossa alimentação até à próxima sementeira; e um palheiro cheio de palha nova para a manada.

ANIMAIS — Temos tido muitos animais; agora, uma ninhada de oito leitõezinhos e mais três vitelos.

16 DE JULHO — É uma data comemorativa, para nós; e, como vem sendo habitual, festejamo-la com os nossos companheiros, que se encontram de férias, e os nossos amigos.

Chegámos a Sintra às 11 h. Celebrámos a Eucaristia às 11,30 h. e, depois, almoçámos em conjunto.

Pelo meio da tarde os que estão de férias fizeram uma surpresa com um espectáculo onde não faltou risota e aplausos. Depois, houve banho na piscina para quem quis.

Ao fim da tarde comemos uma ótima merenda, incluindo um enorme bolo com a dedicatória: «Obrigado Pai Américo». Um dia bem passado!

DONATIVOS — Temos recebido muitas coisas — roupas, sumos, bolos, etc. — que nos fazem muito felizes, estamos muito agradecidos.

Arnaldo Santos

SETÚBAL

EXPOSIÇÃO — Nos últimos dias de aulas, os da escola montaram uma exposição com trabalhos feitos durante o ano, que eram sobre o projecto *Nós e o Mar* e estavam muito bonitos.

A malta do nosso curso de «Ensino Recorrente» também participou na exposição com trabalhos alusivos às nossas férias na casa da praia, a uma visita à Caravela Boa Esperança, a Vasco da Gama e à descoberta do Caminho Marítimo para a Índia.

Gostámos muito de fazer estes trabalhos. Esforçámo-nos para que ficassem bem feitos — e estavam muito bonitos.

CONVÍVIO — Domingo, 5 de Julho, tivemos a festa anual dos antigos gaiatos, que vieram com as mulheres e filhos.

De manhã, houve corridas de atletismo, de sacos e de natação. As mulheres, nas corridas de ovos e de cântaros.

À tarde, realizámos um jogo de futebol e ganhámos aos antigos gaiatos por 4 a 1.

Depois, tomámos banho na piscina, e, a seguir, houve uma grande merenda.

BEZERRINHOS — Nasceu mais um, preto e forte. Dará um rico boi!

Na semana passada nasceu uma bezerrinha, branquinha, que deve vir a dar leite porque é filha de boa vaca leiteira, que foi inseminada.

Agora, temos seis bezerras pequeninas (um ainda está na maternidade); cinco, um pouco mais crescidos; vinte, que já são vitelos; trinta e nove vacas e três bois.

Nós ajudamos as vacas a parir. Quando nasce uma cria ficamos todos contentes.

No mês passado uma vaca que se chama «Mosca», teve gémeos. Um parto custoso porque o primeiro bezerro estava ao contrário e foi preciso virá-lo com muito cuidado para sair. Nasceu vivo e está bom!

Depois, a «Mosca» deu sinais de que tinha mais um bezerrinho. Também fomos ajudar, mas nasceu morto. Ficámos tristes e a vaca também. Até apeteceu chorar!

J. Ant. Vinagre Marques

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

ENCONTRO ANUAL — No dia 5 de Julho realizámos o nosso encontro anual, conforme havíamos dado nota. Eu diria, antes, um reencontro com as origens e de cada um com a sua natureza.

Alguns vieram de longe, outros de mais perto, mas todos com a mesma vontade e alegria — estar em família, no seio da qual se fizeram homens. E trouxeram consigo a família que entretanto constituíram. «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão» (Pai Américo).

Por volta das 9 horas, depois do entusiasmo dos cumprimentos, que a saudade e os anos que passaram despertam sempre nestes momentos, foi a celebração eucarística. O nosso Padre Acílio, em parte da sua homilia, focou a necessidade de os antigos gaiatos não irem contra a sua natureza cristã. É nela que se sentem bem e se sentem amados, onde por força desse Amor encontram forças interiores para continuar. Deus

ainda uma palavra de consolo, dirigida em especial à Associação — teremos de ter calma e encararmos as dificuldades como sendo o caminho certo a seguir, pois na facilidade não encontraremos certamente os caminhos de Deus.

No fim da celebração falou o Cereja, na qualidade de presidente da Associação. Reforçou o que anteriormente havia sido dito, deu as boas vindas aos presentes e referiu as actividades que desenvolvemos ao longo do ano, agradecendo a ajuda da Casa do Gaiato de Setúbal, na pessoa do nosso Padre Acílio. Disse, também, que a maior riqueza da Associação são os associados e a sua participação nas nossas actividades — e só assim a direcção se sentiria apoiada para continuar.

Seguidamente, foram as provas de atletismo (3 mil metros), as corridas de sacos (para os mais pequenos), a corrida de ovos (para as esposas dos gaiatos) e a natação com uma corrida de estafetas na piscina.

Depois, o apetecido almoço servido pelos antigos gaiatos, esposas e netos da Obra, em que a nota marcante foi a confraternização entre os que estão agora na Casa do Gaiato e os que já constituíram a sua própria família.

À tarde, houve tempo de futebol. Venceram os mais jovens e ainda sem o inestético *pneu*. O dia continuou com mergulhos na piscina, a merenda e entrega das taças, medalhas e gelados — prémios das competições.

Finalmente, e com alguma tristeza, despedimo-nos e esperamos que tenham gostado e passem palavra aos que não puderam estar presentes. Todos são necessários para que a Associação prossiga de vento em popa.

Escrevo estas linhas quando faltam dois dias para o aniversário da morte de Pai Américo, o homem que com todo o seu amor, e seguindo a sua natureza, pôde retirar muitos rapazes da rua e mostrar-lhes o verdadeiro amor. Bem haja Pai Américo!

Fernando Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O nosso pedido de ajuda para a grávida foi atendido com satisfação. Temos recebido peças de roupa, nova e usada, oferecidas com muito carinho.

Queremos agradecer a todos, especialmente a um grupo de voluntárias da Maternidade Júlio Dinis, do Porto, que além do enxoval se prontificaram a dar apoio à grávida. Deus vos proteja para continuarem a apoiar quem recorra à vossa ajuda.

RETALHOS DE VIDA

«Escovinha»



O meu nome é Ricardo Miguel Ferreira da Cruz. Nasci a 15 de Junho de 1982, na freguesia de S. Jorge de Arroios, em Lisboa.

Aqui, a malta trata-me por «Escovinha». Fui acolhido na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, em 17 de Setembro de 1993.

Agora, frequento o 9.º ano na Escola Secundário Oliveira Martins, do Porto.

Quando for grande, quero ser alguém na vida. Talvez futebolista. Eu sou adepto de um grande Clube, o Sporting Clube de Portugal.

Quero também deixar um bom rasto para os outros quando deixar a nossa Obra.

Ricardo Miguel («Escovinha»)

BENGUELA

Semear esperança

BEM queria que o 16 de Julho fosse a festa da Obra da Rua na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Na hora em que escrevo, os rapazes estão metidos na preparação.

Uma nota interessante desta data é o encontro daqueles rapazes que estão fora, já lançados na vida, com sua família, na Casa que os gerou para a vida. Dou conta, porém, da força desagregadora do ambiente social que não poupa as famílias, atingindo os laços de união entre os seus membros. Ficam dispersos. Mais difícil é juntá-los. Por isso, a alegria não pode ser completa. Vivemos, porém, esta data com muita esperança. Estamos a gerar vida nova. Queremos viver este momento como a grande riqueza que nos foi dada, com o dom da vida e da morte de Pai Américo.

Não estamos alheios à situação preocupante em que vive Angola. Tem sido muito difícil o caminho da paz. Muito duro para o povo. E continua a ser. Vivemos esta hora cheia de amargura para a maioria dos filhos. O futuro é incerto. Há que semear esperança. É neste ambiente que celebramos este dia.

A paz verdadeira, é, na verdade, um dom de Deus. Os homens, sozinhos, não são capazes de a alcançar. Por isso, toda a Igreja da África Austral comprometeu-se, neste momento crítico do processo de paz, a interceder com muita força por Angola.

A nossa festa é feita na intimidade desta grande família da Casa do Gaiato. Queremos fazê-la com a alegria de quem está a ajudar a construir a paz. Com discrição e

perseverança. À luz do Evangelho. Com quem serve. Sem outra ambição que não seja a sorte das pessoas em concreto. Por isso, não temos em vista apenas aqueles que estão connosco, mas levamos também o peso de todos os que podemos carregar, mais o desejo grande de ver todo o povo livre do pesadelo que tanto o tem oprimido.

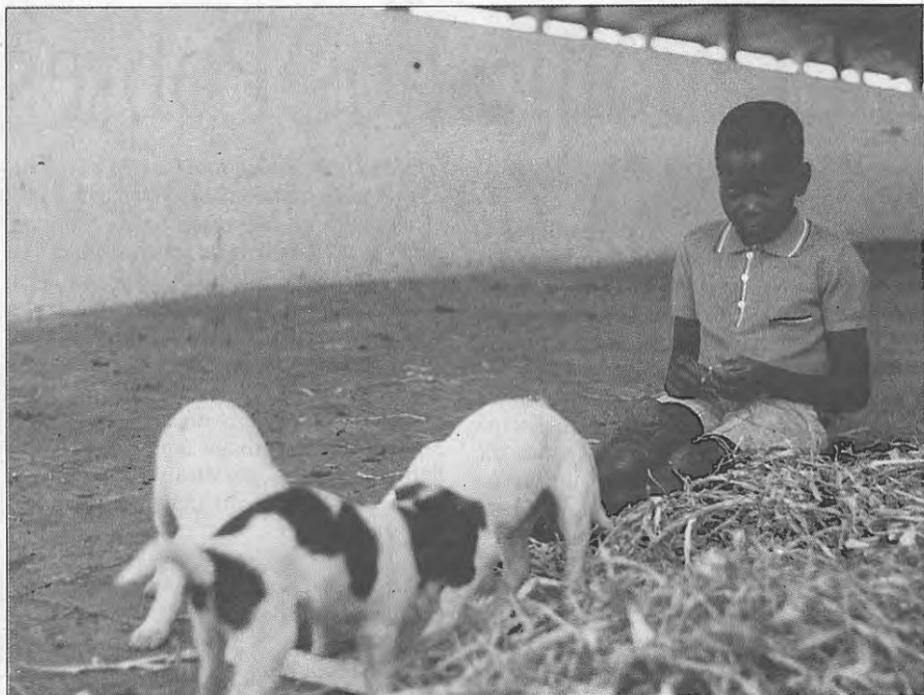
Queríamos ver todas as forças de Angola a caminho da paz. As forças políticas. As forças económicas. As forças sociais. Mas, como é possível fazer a paz com agressões? Quando vejo os pobres e miseráveis cada vez mais pobres e miseráveis; quando vejo uma minoria cada vez mais poderosa em riqueza, como posso dizer que essas forças estão a servir a paz? «O desenvolvimento é o nome novo da paz», dizia Paulo VI. Ajudar o povo dum nação a gostar dos bens da terra, muitos ou poucos, é trabalhar no desenvolvimento.

Sim, é possível a cooperação e a reconciliação das pessoas que têm diferentes projectos políticos e sociais quando o serviço à nação e a cada pessoa concreta está acima dos interesses das partes. Queremos a paz. Continuamos ao serviço da paz.

O nosso 16 de Julho vai ser vivido neste ambiente. Oxalá as escolas estejam a funcionar, nesta data fechadas por causa da greve dos professores. Sofrem muito as crianças na curva da mudança que tarda muito a acabar. São as que mais sofrem.

Saúdo-vos com gratidão.

Padre Manuel António



Maputo: Trabalho a brincar com os cães.

MOÇAMBIQUE

Somos uma resposta à criança abandonada...

Éa primeira vez que me lembro de associar esta Casa do Gaiato à presença de Pai Américo, aqui, em Moçambique, não como empregado de companhia inglesa, nem na sua última vinda a matar saudades com os *Encanecidos* e abrir caminho para os rapazes que ao tempo aqui vieram trabalhar, nalguma empresa.

Quero antes dizer que esta Casa do Gaiato, aqui e hoje, constitui a sua resposta à criança abandonada, aos famintos e aos sem-abrigo, como a que ele, por inspiração divina, foi encontrando, ao longo de dezasseis anos, tão poucos mas tão fecundos para os de Portugal.

Quantas vezes me vem à boca aquela sua expressão «*estava de quedo, à nossa espera*», quando os visitantes chegam, pela primeira vez, aqui em cima, e olham extasiados para o panorama que daqui se desfruta. — *Como vieram fazer a Casa num lugar tão bonito!*, dizem eles, ao olhar para estas pedras ásperas, mas cheias de beleza no seu con-

junto; onde por vezes se descobre uma árvore nobre, como a chanfuta, a lutar contra a natureza, fendendo a pedra com as suas raízes, onde há inúmeras variedades de cactos, até de grande valor medicinal; onde o solo impróprio para cultura, mas se tornou lugar para valorizar quem o pisa; como me lembro dele ao dizer que a Obra da Rua prefere os mais difíceis, os mais repelentes, para os amar mais, valorizando o que não presta.

Quando olho agora os nossos campos, outrora áridos e sem nada, mas agora verdejantes, com milho, feijão, o bananal, outras fruteiras e toda a espécie de hortaliças que abundam na nossa mesa, como me lembro dele a dizer o Evangelho da Vida: — *O grão de trigo é lançado à terra e se morrer dará muito fruto*. E daquela outra frase: «*Quando eu morrer é que a Obra há-de ser*».

Na verdade, há quarenta e dois anos que Pai Américo partiu, após breves vinte e quatro anos a rasgar caminhos novos de luz, sacudindo consciências adormecidas, com uma mão a bater no coração do rico e outra

estendida para o pobre, procurando sempre os mais desprezados e entre esses os mais pequeninos. A Sopa dos Pobres, o Lar do Ex-pupilo dos Reformatórios de Coimbra, as Casas do Gaiato, os Lares dos Rapazes, o Património dos Pobres, tudo foram degraus para o Calvário. Ele morreu, a Obra cresceu. Quarenta e dois anos se passaram e quase dobrou o número de rapazes. Sufocada por um tempo com a saída de África e agora pujante. As nossas Casas estão cheias. Faltam braços e corações angustiados com a sorte dos mais pequeninos. Nesta Casa, como nas de Angola, o espaço fechou. Continuam muitos na rua, que será sempre morada e escola dos rejeitados.

A esperança continua viva em nossos corações. Deus não engana nem rejeita. Se não ouve os nossos gritos, há-de ouvir o gemido dos pequeninos. Se por Sua vontade chegámos a este ponto, há-de dar a Pai Américo a graça de a desenvolver. Dizia ele: «*Eles são tantos, eles são tantos...!*»

Padre José Maria

SETÚBAL

Continuação da página 1

A futura mãe sente-se feliz. Nunca pensou que o filho tivesse tanta coisa linda. Esperamos que ela tenha uma hora feliz e o bebé venha completar a felicidade do jovem casal.

S. Vicente de Paulo diz, algures, que «o paraíso da terra está, como o do Céu, na caridade e que, entre todas as boas obras, nenhuma é tão agradável como a visita aos Pobres, contanto que, na presença de grandes sofrimentos, procuremos elevar-nos a Deus para receber do coração de Nosso Senhor algumas palavras de consolação».

O QUE RECEBEMOS — J. R. D., 2.000\$00. Vale postal, de M. M., 10.000\$00. Assinante 10770, vale de 2.000\$00. Assinante 17991 com uma palavra de carinho, cheque de 25.000\$00. Amiga, da Rua Oliveira Monteiro, 4.000\$00 e roupas. Júlio Oliveira, 1.500\$00. Anónimo, 5.000\$00. Assinante 130, vicentina de longa data, 20.000\$00. Assinante 29661, cheque de 1.000\$00. Assinante 45872, cheque de 10.000\$00. Assinante 10.770: recebemos as pecinhas executadas para o bebé com muito carinho. Maria Alves, roupas de bebé.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

ram duas escolas e fizeram dois cursos simultaneamente. O normal no ensino obrigatório e um especial na Academia de Música e Dança Contemporânea da Cedece, de Setúbal. Exigiram-nos um esforço e uma atenção redobradas, mas valeu a pena. Sobretudo pela experiência de vermos confirmadas, na prática, aquelas ideias que foram nascendo no nosso subconsciente, ao longo dos anos, sobre o ensino dos nossos rapazes e dos jovens em geral.

Uma escola como a Academia de Dança de Setúbal tem naturalmente de dar óptimos frutos. Ambiente restrito, a contrastar com as escolas de multidões; professores competentes, interessados e atentos diariamente aos alunos; imediata comunicação de qualquer falta de interesse ou de presença nas aulas; exigência e respeito pelos alunos e professores; amizade, compreensão e maleabilidade da primeira à última aula. Ali só passa quem sabe e quem manifesta mais dificuldades é mais ajudado mesmo com

aulas fora de horas ou em dia feriado e sábados. Os rapazes têm de dominar perfeitamente os conhecimentos adquiridos e aplicá-los correctamente. Assim, sim.

Uma reforma do ensino? — Minhas senhoras e meus senhores, quereis saber como se faz? — Ide observar e fazer como nesta Academia.

É grande o insucesso escolar, apesar das passagens administrativas? — Organizai a escola nestes moldes e vereis como é aproveitado o dinheiro gasto no ensino. Como crescem a educação, a cultura e o civismo entre os jovens. Como se levanta uma barreira à degradação crescente! Como se afirmam os belos ideais. Como se defende, encoraja e consolida a personalidade individual de cada jovem.

Uma escola assim é uma verdadeira afirmação de esperança.

Na primária, em Casa, também as escolas funcionaram de forma eficiente. Alguns professores reformados, vieram, por amor e gratuitamente, dar a sua ajuda aos pequeninos menos dotados e não faltou também a compreensão das autoridades ligadas ao sector. Nunca tivemos tantos professores!... E não foram demais.

Vamos buscar crianças às situações mais atrasadas, mais carentes e mais definhadas. Investir nelas é pre-

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 69.350 exemplares.

venir os crimes e diminuir as despesas com os criminosos. Por isso, o rendimento social destes garotos é incommensurável. Alegria-nos esta visão da vida, mas não ficamos por aqui. Vou mais longe: à felicidade de cada um e à sua própria salvação, as quais também assentam nestes alicerces.

Padre Acílio

PENSAMENTO

A Criança tem um grande sentido de justiça.

PAI AMÉRICO

Património dos Pobres

Sentimos vergonha

AO atravessarmos de autocarro a Capital e arredores, em direcção ao Norte, vindos do Sul, topamos de um lado e do outro quadros de barracas e casebres e habitações arruinadas dos quais sentimos vergonha.

Temos ainda bem presentes, na memória, as palavras elogiosas dos nossos governantes que falaram na inauguração da EXPO'98. Sentimos alegria e um certo orgulho pelo grande testemunho que é esse quadro de maravilhas.

Transformaram essa zona, um tanto abandonada, num ambiente encantador que mostra bem o que os homens foram capazes de realizar.

Mas, por outro lado, quase todos os estrangeiros que visitam a EXPO têm de confrontar-se com estes panoramas miseráveis que rodeiam esse local maravilhoso. Lembram as favelas do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos. Recordam os *musseques* de Luanda e outras cidades do Ultramar que foi nosso.

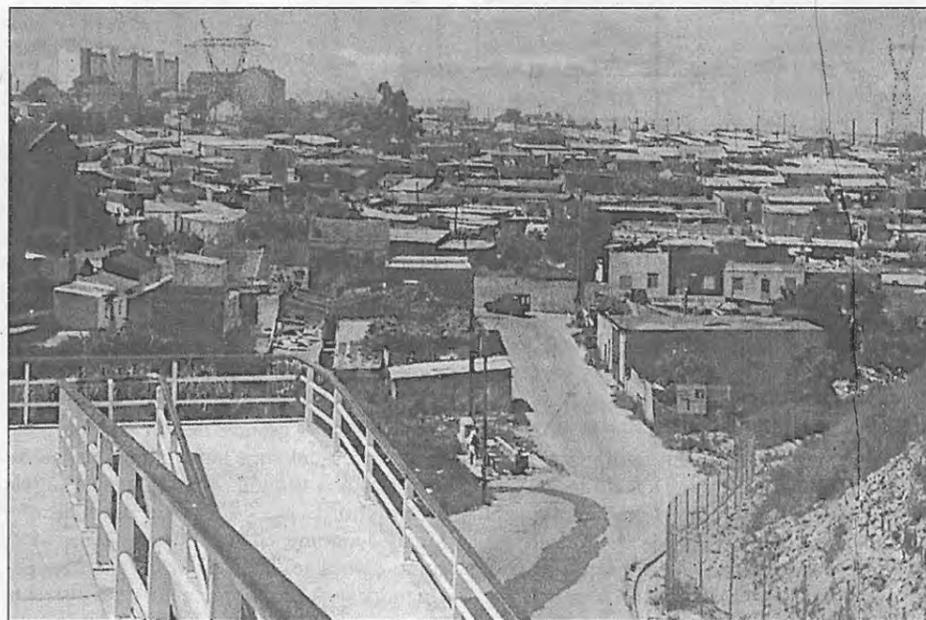
O bairro de latas, em frente, aparece como o reverso da medalha em que uma das faces apresenta um panorama de engrandecimento nacional digno de ser conhecido.

As óptimas impressões de personagens ilustres: Rainhas, Reis, Príncipes-herdeiros, Cardeal-Secretário do Vaticano... e outros.

Os pavilhões são atraentes. A nossa gente que os tem visitado, vêm encantados com as variadíssimas espécies de aves, de animais. Sobretudo encontraram uma grande variedade de peixes que atraíram a atenção de todos. O que mais admiraram foi o tubarão. Os oceanos mostraram alguns panoramas maravilhosos no fundo das águas. A história do Japão e a chegada dos portugueses, tudo em filmes atraentes e a vida ao vivo do país.

Da Argentina vieram os dinossauros gigantes com muitos milhares de anos. O *Oceanário* a todos encantou. O quadro — *Na rota do Oriente* — refere a grande viagem de Vasco da Gama que muito enobreceu os navegadores portugueses que «deram novos mundos ao Mundo».

A comida chinesa desperta o apetite pela confecção e requintes de apresentação.



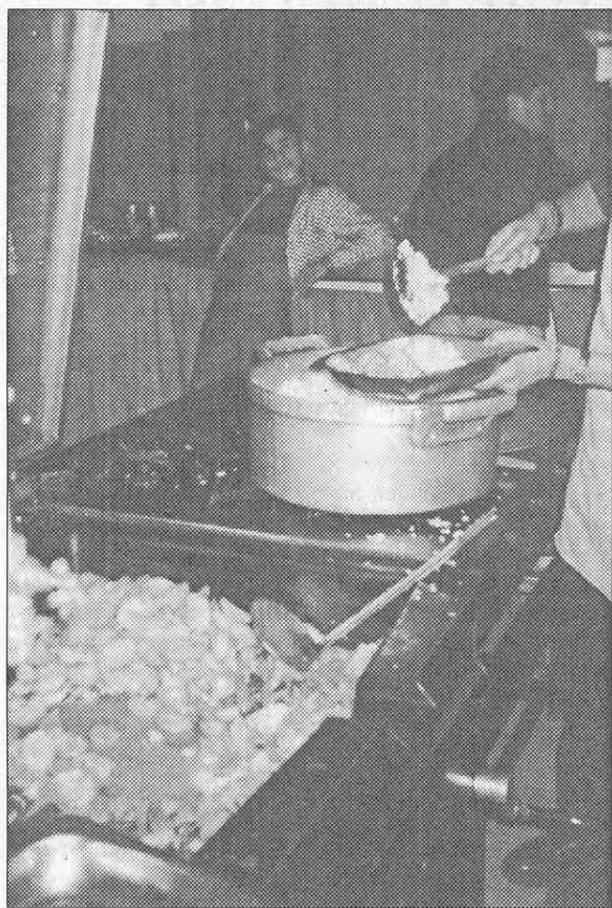
As barracas são a vergonha da EXPO'98

O dia dos pescadores com as suas embarcações engalanadas, com as imagens dos seus santos e padroeira, numa romagem rio acima, muito digna, a todos encantou.

Contemplando a grandeza da EXPO'98 que todos admiram e o testemunho de parte

do progresso nacional, sentimos vergonha pelos bairros de lata na outra face da medalha e suspiramos que os governantes peguem ainda mais a sério no programa de habitações para os Pobres.

Padre Horácio



A nossa cozinha

O Trabalho das Crianças

De pequenino é que se torce o pepino (e o destino)

ASSIM se intitula e sub-intitula a tese de Mestrado da Dr.^a Graça Alves Pinto, a que creio ter feito pequena referência há mais de um ano e que agora me chegou em livro recém-publicado.

Trata-se de uma obra de investigação feita a partir da vida real, após o que se procuraram conclusões que muito bem fariam aos doutrinadores de gabinete.

O estudo incide «especificamente numa área de agricultura familiar e mini-fundiária»: o vale da Campeã no concelho de Vila Real. E analisa o trabalho das crianças: primeiro, «no quadro das estratégias laborais das unidades familiares»; depois, «no quadro das estratégias de socialização das ditas unidades»; em terceiro lugar, as implicações deste trabalho «nas outras actividades que lhes são próprias», designadamente as escolares e as lúdicas; terminando por um olhar sobre as expectativas do futuro que têm as próprias crianças e seus pais.

É exactamente este último capítulo o tema do breve apontamento de hoje: o quadro universal da agricultura (pelo menos entre nós) como «arte de empobrecer alegremente». O pior é que nem alegremente é; antes, quase sempre, este empobrecimento, a que se não vê saída, é causa dramática de um *fatalismo de fuga* que passa por várias formas de migração, desde o abandono das terras e concomitante dispersão das famílias, à adopção de outras actividades profes-

sionais, não tanto por imperativo vocacional como pela exigência de sobreviver!

Desta sorte, «a maioria dos pais das crianças que observámos — afirma a Autora — mostraram-se dispostos a mobilizar todos os meios ao seu alcance para que o futuro dos filhos se desenvolva no exterior da actividade agrícola e, se possível, no exterior do meio rural.

(...) Nesta postura de generalizada rejeição da actividade agrícola são os pais mais radicais do que os filhos. (...) A maioria destes não enjeita um futuro em que a agricultura aparece como actividade residual ou complementar de outra profissão». Desta postura dos pais «ressalta uma imagem social negativa que têm deles próprios. Imagem que permanentemente os motiva no sentido de expulsarem os filhos da actividade agrícola e do meio rural. Para atalhar esta tendência auto-destrutiva que se vem tornando perseverante, é preciso que as populações rurais se reconheçam numa identidade cultural que as valorize e as dignifique. Mas parece óbvio que não será possível alcançar tal objectivo sem que se verifique o reconhecimento social e económico do seu trabalho e se providencie a melhoria da sua qualidade de vida.

(...) Bem articulada com acções específicas e concretas nos domínios social e económico, a educação deverá desempenhar um papel crucial no processo de desenvolvimento rural. Todavia, os investimentos educativos não devem ser dirigidos somente às crianças; também é preciso pensar na educação dos adultos. Até porque, o investimento nos adultos terá as mais extensas e consistentes repercussões na educação das crianças.»

Ora aqui está o que uma Professora aprendeu em dezasete meses de estudo intenso e apaixonado ao rés-do-Povo e agora nos transmite.

Haja entre os importantes do século quem tenha ouvidos de ouvir e a escute.

Padre Carlos

ASSIM poderíamos qualificar a receptividade dos nossos Leitores relativamente à obra lançada sobre Pai Américo, da autoria do Padre Ramos, da Diocese do Porto, que se apaixonou pelo seu espólio literário e espiritual.

Continuamos a receber muitos postais R.S.F. que aviamos, na volta, para que toda a gente aproveite, nas férias que decorrem (quem as tiver, evidentemente). E não tardará que vejamos o fundo da cesta desta primeira edição, em nosso armazém. Graças a Deus!

Temos um maço de correspondência dos Leitores, *confidências* de muitos cristãos: leigos(as), religiosos(as), padres que vivem a Mensagem evangélica que Pai Américo anunciou — «de maneira que toda a gente entenda». Ressonâncias que publicaremos sempre que haja espaço no pequenino O GAIATO.

PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO

Explosões de Sobrenatural

Está aqui, e agora, à nossa frente, o assinante 19577, pároco na Diocese de Viseu, que «felicitou a Autora e a Editorial do livro», aconselhando, no entanto: — *Continuem a pôr a Luz no candelabro e não a deixem debaixo do alqueire para que todos possam glorificar o Pai do Céu... O Espírito do Senhor de tudo se serve para actuar neste mundo — segundo ele afirma — tão corrompido».*

Outro presbítero, o assinante 4154, de Fátima, acentua: «Foi obra da Graça a publicação deste livro que tocará o coração de

muita gente. Estamos diante de uma figura de Padre muito humano e muito mergulhado no divino, que deixou um rasto de Luz na sua passagem pelo mundo».

Assinante 26149, de Almada: «Recebi o livro Padre Américo-místico do nosso tempo de que gostei muito. Só com uma alma assim é que ele, o Padre Américo, construiu uma Obra como a vossa. Só o amor a Deus pode fazer amar os homens como Ele amou.

Obrigado por me terem enviado o livro. Vou emprestá-lo a outras pessoas para que também o leiam

e logo que possa encomendarei mais exemplares».

Assinante 31380, de S. Cipriano (Resende): «Quanto ao livro, agradeço imenso terem-se antecipado na remessa ao meu pedido. Era isto que eu esperava do Padre Américo. Só um homem de oração constante e confiança ilimitada em Deus podia chegar aonde ele chegou. Li-o avidamente. Fez-me muito bem. Que ele continue a despertar as almas...»

Assinante 33542, do Porto: «Há tempos, recebemos o novo livro. Acabo de o ler. Levou um certo

tempo, além do tempo para a leitura não ser muito, é um livro para ser lido, pensado e repensado. Algumas das suas 'máximas' já estão gravadas: 'O homem para ser sábio precisa aprender todos os livros; para ser virtuoso, basta-lhe um — o Evangelho.' Mais: 'Falar com Deus — sempre. Falar do próximo, pouco e bem. Falar de si mesmo — nunca'.

E mais e mais e mais! — diria Pai Américo.

Júlio Mendes